



Avaliação da Comunidade que Sustenta a Agricultura (CSA): Contribuições a partir da Experiência de Sete Lagoas-MG

Evaluation of the Community Supported Agriculture (CSA): Contributions from Sete Lagoas - MG Experiment

FIGUEIREDO, Yuri Gomes¹; MELO, Angelina Moreira²; CALBINO, Daniel³;
FREITAS, Alair Ferreira

¹UFSJ, yuri.gfigueiredo@hotmail.com; ²UFV, angelinamoreiramelo@hotmail.com; ³UFSJ, dcalbino@ufjs.edu.br³. UFV, alair.freitas@ufv.br

Eixo temático: Agriculturas Urbana e Periurbana

Resumo: A CSA se trata de uma rede solidária de comercialização que tem avançado no Brasil. Entre os anos de 2011 a 2018 registra-se 60 iniciativas espalhadas por dez Estados. Apesar da rápida expansão, a literatura ainda carece de avaliações que apontem para os seus desdobramentos. Neste sentido, o trabalho buscou avaliar as práticas de uma CSA em Minas Gerais. Por meio de uma pesquisa quantitativa, realizou-se entrevistas com consumidores que abandonaram a participação no programa. Os resultados indicam que os consumidores não reconheceram os produtores em sua forma de produzir e sua relação com a produção. Os desafios para o grupo analisado se situam no esforço de aproximarem um processo educativo, na busca do significado da responsabilidade pela comunidade e para a agricultura.

Palavras-chave: horta comunitária; agricultura urbana; rede solidária.

Keywords: community garden; urban agriculture; solidarity network.

Introdução

A CSA baseia-se em um circuito curto de comercialização que busca encurtar a distância entre produção e consumo, eliminando os intermediários no processo. Esse sistema surgiu no Japão, na década de 1960, com a nomenclatura de *Teikei* (“cooperação”). Em 1970 foi exportado para a Europa e no ano de 1985 para os EUA, onde cunhou a etimologia CSA.

Conceitualmente se apresenta como um sistema de trabalho partilhado entre agricultores agroecológicos e consumidores solidários, constituindo um grupo que se compromete por um período a cobrir o orçamento da produção agrícola. Em retorno, os consumidores solidários recebem alimentos frescos de um espaço local (horta, sítio, fazenda) sem outros custos adicionais (URGENCI, 2017).

No Brasil, a chegada da CSA ocorreu de forma tardia em relação a outros países. Ainda que se registrasse um processo embrionário em 1997 na cidade de Fortaleza, o crescimento expressivo ocorreu a partir do ano de 2011, na cidade de Botucatu-SP (CSA BRASIL, 2017). Em janeiro de 2012, no Fórum Mundial Social em Porto Alegre, o conceito foi apresentado como um dos favoritos, representando grande potencial de experimentação. Desde então, registra-se a criação da Associação



Comunitária CSA Brasil, que tem contribuído para a formação e apoio de diversos grupos em todo o país. (TORRES, 2017).

Especificamente na cidade de Sete Lagoas-MG, em 2015, foi implementado uma CSA, motivada por características distintas da maioria das experiências no país. A cidade possui uma política municipal de hortas comunitárias urbanas desde o 1982, registrando, assim, alta oferta de produtos agroecológicos, o que não vem acompanhada de uma demanda igual.

Uma pesquisa realizada pela Universidade Federal de São João del Rei-MG em parceria com a prefeitura em 2014, observou que 47,3% dos produtores das hortas comunitárias alegaram possuir grandes perdas na sua produção, sendo que os principais motivos era a dificuldade na comercialização. Constatou-se ainda que 79% dos produtores comercializavam apenas na própria horta, e somente 24,5% utilizavam de estratégias a domicílio e feiras (MELLO et al., 2018).

Neste contexto, a iniciativa de um grupo de agroecologia da UFSJ em parceria com agricultores, criaram a CSA, ressignificando-a de acordo com o contexto específico. Passados os primeiros anos de experiência, foi registrada alta rotatividade e críticas entre os participantes, o que indicava a emergência de uma avaliação da experiência. Neste contexto, o presente trabalho teve por objetivo avaliar os limites e desafios da CSA em Sete Lagoas-MG, a partir da percepção dos ex-consumidores que saíram do projeto.

Metodologia

A pesquisa de natureza quantitativa e exploratória ocorreu em janeiro de 2018, na qual os dados foram coletados a partir de entrevistas estruturadas por telefone com 21 consumidores que abandonaram a iniciativa. Para o tratamento dos dados, utilizou-se do uso da estatística descritiva o que possibilitou a tabulação e análise dos dados apresentados.

Resultados e Discussão

Os primeiros consumidores da CSA foram docentes da Universidade, técnicos da Emater, pesquisadores da Embrapa Milho e Sorgo e funcionários da Prefeitura Municipal. O funcionamento do grupo se constituiu na relação de confiança entre os envolvidos, na qual os produtores elaboraram os seguintes critérios de organização:

- ✓ A cesta é composta por 08 itens, sendo 04 folhosas e 04 tuberosas que os consumidores podem escolher a partir de uma lista de produtos;
- ✓ Formato da cesta é P ou M com preço de R\$ 80,00 e R\$ 100,00 respectivamente.
- ✓ Pagamento em dinheiro e ao final do mês. (após a entrega de 04 cestas);



- ✓ Cestas produzidas individualmente, mas utilizando a tática de troca de produtos, para atender a todos os clientes;
- ✓ Embalagem utilizada de tipo saco plástico transparente;
- ✓ Cestas entregues semanalmente no endereço do cliente;
- ✓ Os clientes terão contato direto com seu produtor;
- ✓ As reuniões semanais ocorrem, nas dependências da horta, para discutirem e gerenciarem o funcionamento da CSA.

Desde as primeiras entregas das cestas, registrou-se alta rotatividade entre os participantes. Se nos oito primeiros meses do programa o número de consumidores saltou de 20 para 50, nos meses seguintes os números apresentaram diminuições (40 consumidores), e retomadas de crescimento (48 consumidores).

Vinculada à sazonalidade, observou-se também a inconstância quanto ao número de cestas entregues. Enquanto o primeiro ano do programa foi marcado por uma média mensal de 250 cestas, nos anos seguintes reduziram para 125, o que acarretou na migração de muitos produtores para outras iniciativas de comercialização na cidade.

Para compreender os fatores que levaram a redução dos consumidores, questionamos: “Quais os motivos o levou a sair do Programa das Cestas?”. As respostas registraram que em 62% o tamanho elevado das cestas como um problema. Se a intenção dos produtores era “agradar” aos consumidores com produtos “fartos”, o que se observou é que o excedente foi visto como perda e conseqüente prejuízo para quem adquiria, até mesmo pelo seu caráter perecível, o que dificultava a conservação.

Contudo, em CSAs de países como nos Estados Unidos, há uma cultura de estocagem de hortaliças por meio de congelamento em freezers. Naquele país é comum o excedente, já que o rigoroso inverno em grande parte das cidades não possibilita a fácil aquisição de produtos em todos os meses do ano, como acontece no Brasil.

Outra crítica por parte de 20% dos respondentes tratou-se da repetição de produtos frequentes ou mesmo da oferta de itens maduros, cuja durabilidade era baixa. Chama a atenção, contudo, que essas críticas são comuns em uma relação de consumo tradicional, ao se escolher um produto na prateleira de um mercado. No entanto, a dinâmica proposta da CSA é a ressignificação dos valores, a partir da compreensão do processo produtivo e da sazonalidade das culturas ao longo de uma estação.

No caso específico dos produtos agroecológicos essa compreensão se torna fundamental, uma vez que a não utilização de produtos químicos tender a deixar a horta vulnerável a alguma intempérie climática ou a pragas e doenças agrícolas, o que culmina na necessidade de repetição dos produtos. Além disso, a escolha dos produtores em priorizar a produção de hortaliças ocorre por uma questão estratégica. Além do curto tempo de cultivo possibilitam o rápido retorno financeiro, o



que condiz com a realidade daqueles que precisam de uma renda mensal para sobreviver.

Acreditamos, no entanto, que a visão clássica de consumo por parte desse grupo de respondentes, ocorreu, pela carência no trabalho de reflexão coletiva entre os envolvidos. As particularidades da cidade de Sete Lagoas (alto número de produtores) condensaram os esforços da CSA nos mecanismos de produção e articulação entre os produtores, deixando, contudo, em segundo plano, o trabalho de reflexão e informação constante com os consumidores. Uma realidade próxima à cidade, se trata da CSA Nossa Horta em Belo Horizonte, cuja ênfase na conscientização pelo consumo solidários, simboliza até uma mudança etimológica de consumidores solidários para co-produtores.

Além dessas limitações, registrou-se que para 10% dos respondentes, a falta de padronização entre os produtos, a dificuldade de receber as cestas em casa (por incompatibilidade de horários), ou mesmo os pedidos não serem atendidos conforme solicitados foram críticos para a saída do programa. Sobre essas dificuldades, quando questionados “Como era a sua relação com o seu produtor? ”, observou-se que para 38% dos respondentes a comunicação entre as partes era ruim, já que os produtores não atendiam as demandas ou tinham que estabelecer a intermediação por outros.

As dimensões abordadas possivelmente representam a restrição da compreensão da realidade social a qual a maioria dos produtores estão inseridos. Se as críticas são relevantes para melhorias, merece, no entanto, destacar que a maioria dos agricultores não possuíam celular, muitos tinham receio manter o contato com os consumidores por não estarem acostumados a essa relação, ou ainda não conseguiam anotar todos os pedidos pela alfabetização baixa.

Assim se os princípios da CSA visam romper com as relações de comércio tradicional, pautadas no desejo de quantidade, qualidade a baixos preços, os resultados mostram que os consumidores não reconheceram os produtores em sua forma de produzir e sua relação com a produção. Os desafios para o grupo analisado se situam no esforço de aproximarem um processo educativo permanente, na busca do significado da responsabilidade pela comunidade e pela produção.

Considerações Finais

O trabalho se propôs a avaliar as práticas de uma CSA, à luz de seus limites e desafios. Optamos por trazer o recorte empírico nos aspectos “negativos” da organização, não para desmerecer a iniciativa, mas por compreender que a literatura nacional já é rica em estudos que apontam para os avanços e contribuições das CSA’s sob diversas concepções teórico-empíricas.

Neste sentido, buscou-se estabelecer uma análise a partir de uma ótica específica: um grupo de consumidores que abandonaram a CSA. Ainda que a escolha dos sujeitos se situe de forma unilateral, sem confrontar com as perspectivas dos



agricultores, consideramos o recorte relevante em virtude da compreensão da ideia que perpassa o consumidor solidário nesse processo.

Os resultados indicam que o esforço do projeto em Sete Lagoas em condensar as ações na articulação dos produtores, deixou, contudo, em segundo plano os consumidores. Isso acarretou em limitações na transformação dos valores e da lógica de participação no projeto. Como desafios, a CSA tem enfrentado não apenas a alta rotatividade, o que resulta nas flutuações das entregas semanais das cestas, como ainda o esforço de estabelecer um processo educativo, que reflita sobre os princípios que fundamentam a proposta.

Para investigações futuras, o trabalho destaca a importância de metodologias de avaliação nas demais experiências de CSA's pelo país. Se o movimento tem a intenção de criar condições em que a comunidade estabelece um papel de protagonista com os produtores, a sua etimologia merece jus a sua intenção: Até onde estamos caminhando para uma Comunidade que tem Sustentado a Agricultura?

Referências

COMUNIDADE QUE SUSTENTA A AGRICULTURA [CSA BRASIL]. **CSA Brasil** [homepage]. 2017. Disponível em: <http://csabrasil.org>. Acesso em: 28 dez. 2018. Título original: Community Supported Agriculture.

MELO, Angelina Moreira; CALBINO, Daniel; DE FREITAS, Alair Ferreira. Contribuições metodológicas para a extensão a partir da implementação do modelo Community-Supported Agriculture no município de Sete Lagoas-MG. **Revista Ciência em Extensão**, v. 14, n. 4, p. 165-176, 2018.

TORRES, Camila Lombardi. **Comunidade que sustenta a agricultura: a reaplicação da tecnologia social a partir dos casos pioneiros em Brasília**. 2017. Dissertação de mestrado. Universidade de Brasília

URGENCI. **The International Network for Community Supported Agriculture**. Aubagne, FR: Urgenci, 2017. Disponível em: <http://urgenci.net>. Acesso em: 28 dez. 2018.